

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
ESCOLA DE SAÚDE - ESUFRN
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – SEDIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE PRECEPTORIA EM SAÚDE

UM DESPERTAR PARA PRECEPTORIA DE ENFERMAGEM

ARABELA MARIA BARBOSA SAMPAIO

GOIÂNIA/GOIÁS

2021

ARABELA MARIA BARBOSA SAMPAIO

UM DESPERTAR PARA PRECEPTORIA DE ENFERMAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização
de Preceptoría em Saúde, como requisito
final para obtenção do título de
Especialista em Preceptoría em Saúde.

Orientadora: Profa. Angela Cristina
Freire Diogenes Rêgo

Co-orientadora: Profa. Nadja Vanessa
de Almeida Ferraz

GOIÂNIA/GOIÁS

2021

RESUMO

Introdução: A preceptoria realizada por profissionais assistenciais necessita de embasamento teórico-pedagógico. Ensinar e aprender são demandas comuns na vivência do profissional de saúde, e o não saber o que é ser preceptor, de certa forma também se tornou “normal”. **Objetivo:** Organizar uma oficina, de atividades práticas com abordagem sobre preceptoria. **Metodologia:** Projeto de intervenção será um evento no formato de Workshop ou oficina. **Considerações finais:** Este projeto busca soluções a problemas de ordem teóricos e práticos, assim uma oficina pedagógica, por se tratar de uma ferramenta dinâmica, rápida e eficaz que pode levar aos participantes uma noção objetiva e técnica do que é uma preceptoria.

Palavras-chave: Preceptoria. Preceptor. Profissional de saúde.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura, encontram-se diferentes descrições das funções de um preceptor, sendo essenciais as de orientar, dar suporte, ensinar e compartilhar experiências que melhorem a competência clínica e ajudem o graduando e o recém-graduado a se adaptar ao exercício da profissão (BOTTI & REGO, 2008). E Mills citado por Botti e Rego, 2008, diz que preceptor é um termo usado para designar aquele profissional que não é da academia e que tem importante papel na inserção e socialização do recém-graduado no ambiente de trabalho.

Nos dias atuais, o preceptor, que não necessariamente mantém vínculo com a academia, tem a função primordial de transferir aos estudantes e residentes, informações, vivências, experiências e práticas. O preceptor promove a aquisição de habilidades, competências e conhecimentos mais refinados da área de atuação. Cabe ao preceptor estar atento e presente nessa etapa de treinamento do residente, inclusive monitorando a evolução da aprendizagem e o nível de segurança e confiança que o treinamento confere, sem riscos ao paciente (PIRES, 2020).

A preceptoria realizada por profissionais assistenciais necessita de embasamento teórico-pedagógico, mediadores teórico-prático, que proporcione a aprendizagem significativa. Faz-se necessário que esses preceptores estejam aptos ao desenvolvimento de suas tarefas e que a instituição proponha intervenções necessárias no processo educativo, indo ao encontro das demandas sociais, e principalmente, levando em consideração os recursos humanos necessários (PEIXOTO, 2013).

Ainda o preceptor deverá integrar conceitos e valores da escola e do trabalho ao ensinar, aconselhar, inspirar no desenvolvimento dos futuros profissionais, servindo-lhes como exemplo e referencial para a futura vida profissional e formação ética. A preceptoria exige qualificação pedagógica, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos. Nesse sentido, o preceptor é um facilitador e mediador no processo de aprendizagem e produção de saberes no mundo do trabalho (LIMA; ROZENDO, 2015).

O Sistema Único de Saúde (SUS) traça como deve ser o perfil deste protagonista, como orientador das práticas de um cuidado integral, eficiente, efetivo e seguro; promotor da articulação do trabalho e da educação, participando de iniciativas de mudanças nas práticas educativas e de cuidado, orientadas às necessidades de saúde da população; e como facilitador de processos de aprendizagem promovendo o pensamento crítico e reflexivo do educando, mostrando responsabilidade, tolerância e comprometendo-se com a educação como forma de intervenção no mundo e de transformação da realidade (OLIVEIRA 2017).

Na experiência, mesmo com várias elucidações literárias, sobre o papel do preceptor, ainda assim é algo obscuro para profissionais que se aventuram no exercício desta atividade. Vê-se que a função do preceptor na prática clínica ainda é um “mistério” a ser compreendido, assumido, incentivado, aceito e principalmente ser aprendido por todos que fazem parte deste contexto e principalmente pelos próprios preceptores.

O aprender é um processo de aquisição de conhecimento, que pode ser advindo de estudo, observação e experiência do nosso cotidiano. Aprende-se autonomamente ou auxiliado por outros meios ou terceiros. Contudo aprender no Sistema Único de Saúde (SUS) significa aprender na prática, ou seja, um aprendizado complexo que não se limita a conseguir reproduzir uma sequência de procedimentos com segurança, mas que implica entender-se parte constituinte do estado, da ciência e das próprias práticas (LONGHI, 2014). Algo que pode ser bastante complexo.

As redes de atenção e ensino em saúde no Brasil sempre se encontram em processo de estruturação, desafios a serem superados. Um deles é a necessidade de avanços nas discussões sobre o papel, atribuições e institucionalizações do preceptor/trabalhador da saúde (WARMLING et al., 2011). Assim, o desafio da implantação de novas estruturas de ensino é cada dia mais comuns e necessárias, afinal, a vida é dinâmica e as mudanças são constantes, assim questiona-se de que forma ocorre o desenvolvimento do profissional diante deste “novo perfil”, o de ser preceptor?

Ensinar e aprender são demandas bastante comuns na vivência do profissional de saúde, e o não saber o que é ser preceptor, de certa forma também se tornou “normal”, como se fosse “eu sou, mas não sei bem o que é ser”.

Para Melo, 2013 o enfermeiro ao assumir o papel de professor, ele precisa possuir conhecimento na área específica, bem como do processo educativo. Este pensamento é reafirmado pelos autores Rodrigues; Mendes Sobrinho (2007) que a formação pedagógica é essencial no planejar, organizar e implementar o processo ensino aprendizagem. E que o simples fato do profissional ser competente profissionalmente, não lhe dá o título de bom professor. Esta citação aplica-se não apenas ao professor, mas também as atividades de preceptoria, ou seja, é necessário a formação específica para atuar como preceptor.

Os profissionais que atuam no âmbito da saúde, em serviços públicos, seja qual esfera for, estão diante de um desafio, o de exercer a preceptora. O profissional responsável pelo cuidado dos pacientes acumula o papel de educador, estabelecendo as bases da relação educador-educando nos serviços de saúde em ambientes pressionados por cobranças de produtividade. A distinção entre docentes e profissionais que atuam nos serviços e também ensinam vem se tornando menos visível. (AGUIAR, 2017). O pouco conhecimento do papel do preceptor pode estar ligado ao relacionamento íntimo entre as duas funções, o que pode levar falta de distinção entre os mesmos.

Além das dificuldades e desafios no exercício da preceptoria, um estudo conclui que, esses estão no despreparo pedagógico para planejar e avaliar atividades educativas, e tal despreparo tem origem na formação acadêmica baseada em um modelo curricular voltado para as especialidades e no modo fragmentado e desarticulado de agir em saúde (LIMA; ROZENDO, 2015).

Pode-se acreditar que tais dificuldades dos preceptores sejam em quantidade ou em qualidade pela a má formação, ou a não formação em preceptoria, o desconhecimento da função do que é ser preceptor, os profissionais de saúde que são designados, seja por voluntariado ou não, para exercer esse papel, podem passar por período de estresse grande, por inúmeros fatores. São problemas que angustia os novatos e até os mais experientes na profissão clínica.

No serviço de acolhimento do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (UFG)/ Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) há profissionais com pouca ou nenhuma experiência em preceptoria e que exercem tal papel.

Para auxiliar nessa problemática de preparar melhor o profissional de saúde, para exercer a preceptoria, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ofereceu o Curso de Especialização em Preceptoria em Saúde na modalidade de Ensino À Distância (EAD).

Portanto acredita-se na necessidade de elucidar, qual o papel do preceptor na instituição de ensino, isso se faz pertinente, pois a maioria não traz em sua bagagem acadêmica, as funções do preceptor. Para que então, possa ter maior visibilidade no serviço de saúde, e ser mais funcional em todos aspectos.

Quando o preceptor se perceber e ser percebido no seu real papel poderá exercê-lo com melhor desempenho e propriedade. Sabe-se que todo processo de aprendizagem se constrói do autoconhecimento, de experiências vividas, observada e aprendidas, porém conhecer as atribuições a serem exercidas trará mais segurança para atuar com maestria. O trabalho pode ajudar na compreensão do papel do preceptor, pode indicar caminhos aos profissionais que queiram atuar na preceptoria, ou mesmo deixarem de ter medo das atribuições do preceptor.

Portanto, se faz necessário o entendimento do papel do preceptor, bem como a dinâmica da preceptoria. E para que isso se torne possível, propõe-se uma oficina para que atinja toda comunidade acadêmica (professores, preceptores, estudantes, residentes), diretores, equipe técnica, administrativa, em fim todos aqueles que trabalham no hospital.

2.OBJETIVO

Propor oficina com- atividades práticas e teóricas sobre preceptoria, com intuito de compartilhar conhecimentos e trocar ideias.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Projeto de intervenção do tipo Plano de Preceptoria.

3.2 LOCAL DO ESTUDO / PÚBLICO-ALVO / EQUIPE EXECUTORA

O cenário deste projeto de intervenção será o Hospital das Clínicas UFG/ EBSEH. Trata-se de uma instituição pública de ensino, que recebe estudantes e residentes da área de saúde, medicina, enfermagem, nutrição, psicologia, serviço social

da UFG e também de outras instituições de ensino superior e ensino médio, como os técnicos de enfermagem.

O público alvo será todos estudantes, residentes e profissionais que adentrem ao hospital, seja ele com ou sem vínculo empregatício, e que queiram participar da oficina sobre preceptoria. Porém o tema será voltado à preceptoria em enfermagem.

As equipes executoras da oficina serão profissionais envolvidos em preceptoria e professores convidados a participar como palestrante ou expositores, e que queiram expor suas experiências como preceptor para o público alvo.

3.3 ELEMENTOS DO PLANO DE PRECEPTORIA

Estruturar a oficina sobre preceptoria:

- ✓ Realizar uma roda de conversa prévia para definir alguns problemas e temas para a oficina.
- ✓ Definir o plano de ensino com os palestrantes: palestras num primeiro tempo e num segundo momento atividades práticas individuais ou em grupos, ainda ter um momento de avaliação das mesmas.
- ✓ O material utilizado pelos participantes será oferecido pelos organizadores, que será definido pelo palestrante de acordo com as atividades escolhidas a serem realizadas.
- ✓ Estabelecer a duração em horas da **oficina**, que deverá ser executada em um único dia.
- ✓ Divulgação do evento será por meio de mídias sociais e por envio de e-mails dos profissionais e estudantes de enfermagem.
- ✓ As inscrições deverão ser abertas com pelo menos 1 mês que antecede o evento, com limite de participantes.
- ✓ Emissão de certificados ao final do evento.

3.4 FRAGILIDADES E OPORTUNIDADES

Sabe-se que intervenções são processos difíceis de serem executados e praticados, seja pela instituição, seja pelos participantes, pois necessitam de forças impulsionadoras, que tirem as pessoas da zona de conforto. Assim, esse movimento propulsor (energia, ideias, trabalho) acaba tornando-se uma fragilidade, que é inerente a qualquer processo de construção, seja no aspecto de gerar mudanças, o que pode ser considerado como problemas.

Dificuldades podem advir de ações na qual será necessária a cooperação de outras pessoas para que seja possível executá-la. Assim sendo, se não houver cooperação e intervenção da instituição, a oficina pode resultar em mais um projeto de gaveta.

Portanto, é importante verificar quando será oportuno e quem pode ajudar a agir sobre o problema, pois será necessário apoio para seu enfrentamento das dificuldades. Obter apoio dos demais colegas de instituição e dos influentes, poderá ser decisivo, já que as pessoas podem colaborar, rejeitar ou ser indiferentes frente ao problema.

Pode-se ainda vislumbrar, para os envolvidos no planejamento e execução das atividades ou plano de intervenções, que terão grande responsabilidade, mas terão enorme aprendizado no desenvolvimento das oficinas.

3.5 PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Será elaborado um questionário de avaliação, no final da oficina, para que o participante expresse sua opinião, sobre o curso: planejamento; estrutura; conteúdo; bem como sugestões e críticas. O mesmo poderá ser respondido via online ou presencial, ao final da oficina.

A avaliação irá permitir identificar as vulnerabilidades do plano tornando-o passível de execução. Para tanto a própria equipe de planejamento do plano de intervenção irá analisar as fragilidades surgidas no decorrer do próprio planejamento, verificando se o que foi proposto pode ter algum impacto negativo, e assim minimizá-lo.

Além de analisar o próprio plano, outras questões, como o pessoal de apoio, devem ser consideradas, pois é de grande importância esses atores, que vão colaborar ou vão rejeitar, criticar ou serão indiferentes, ocasionando uma implosão do planejamento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o curso de preceptoria nos levou a idealização deste trabalho com o intuito de promover uma sensibilização dos trabalhadores e estudantes do HC-UFG sobre o tema “*Preceptoria em Enfermagem*”. Foi elaborado esse plano de ação com a finalidade de oportunizar o conhecimento sobre a temática acima citada, a todos que tenham interesse, e principalmente aos profissionais que executam a função de preceptoria no HC-UFG e estudantes de enfermagem desta mesma instituição.

É evidente que os profissionais que atuam no âmbito da saúde, em serviços públicos, seja qual esfera for, estão diante de um desafio, o de exercer a preceptora. Seja por despreparo ou desconhecimento, da sua função. Os termos preceptoria e preceptor são utilizados durante a formação acadêmica em saúde, mas precisam ainda de uma definição mais clara, consistente e coerente. Assim, poderá favorecer a prática desta função mais aceitável, mais visível e valorizada no âmbito das práticas de formação profissional, seja na teoria, mas principalmente na prática.

Este projeto busca soluções a problemas de ordem teóricos e prática, assim uma oficina pedagógica prática, por se tratar de uma ferramenta dinâmica, rápida e eficaz que pode levar aos participantes uma noção objetiva e técnica do que é uma preceptoria, a fim de que os mesmos possam despertar o desejo de engajar na função ou ainda ter o despertar de um comprometimento com esta atribuição tão fundamental no âmbito de um hospital escola. Além, é claro, de informar, esclarecer e conscientizar e o que é *ser preceptor*.

Sabe-se que projetos como este possam ter limitações, ainda mais em tempos de pandemia (COVID-19), mas com seriedade e responsabilidade tem-se a convicção que o formato de oficina possa ser realizado, tanto de forma presencial, como é essa a proposta, mas há também a possibilidade de ser no formato virtual, o que abrangeria ainda mais o público alvo.

Desta forma, o objetivo desse plano foi organizar uma **oficina**, com atividades práticas abordando conteúdos sobre preceptoria, no intuito de compartilhar conhecimentos, trocar ideias e conhecer o papel dos preceptores na instituição, que vem de encontro com a função social do servidor público que é devolver a sociedade ações que possam trazer soluções a problemas reais e cotidianos no nosso ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriana Cavalcanti de Preceptoria em Programas de Residência: ensino, pesquisa e gestão / Adriana Cavalcanti de Aguiar (Organizadora). Rio de Janeiro : CEPESC/IMS/UERJ, 2017. 207p

BOTTI, S. H. O.; REGO, S. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 363-373, 2008.

LIMA, P. A. B, ROZENDO, C. A. Desafios e possibilidades no exercício da preceptoria do Pró-PET-Saúde. **Interface** (Botucatu).;19 Supl 1, p.779-91, 2015.

MELO, M. C. A residência como cenário educativo para enfermeiros: o uso da metodologia da problematização. Niterói: [s.n.], 2013. 119 f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Universidade Federal Fluminense, 2013.

MIIS, J. E; FRANCIS K. L, BONNER, A. Mentoring, clinical supervision and preceptoring: clarifying the conceptual definitions for Australian rural nurses. A review of the literature. **Rural Remote Health**, v.5, n.3, p.410. 2005.

PEIXOTO, L. S. Saberes e prática pedagógica na preceptoria da residência de enfermagem. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde)- Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Niterói, 130 f. 2013

PIRES, Osvaldo Guilherme Nunes, et al. coordenadores Manual do preceptor / -- 3. ed. -- São Paulo : **SBOT - Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia**, 2020.

RODRIGUES, M. T. P.; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. bras. enferm.**[online], v. 60, n. 4, p. 456-9, jul.-ago. 2007.

WARMLING, C. M. et al. Estágios curriculares no SUS: experiências da Faculdade de Odontologia da UFRGS. **Rev. ABENO**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 63-70, 2011.